

ADORÁVEL NOITE

Morcego

por Ana Dominik

Ana Dominik

Email: ana.drink@gmail.com finster@clix.pt

Conto registrado, Biblioteca Nacional.



Tomou o cálice nas mãos. Seus dedos lânguidos, finos, de longas unhas pintadas de cinza, encheram o luxuoso cristal antigo com o vinho de gosto gélido e levemente adocicado. Extasiado e deixando pingar no canto de seus lábios o vermelho denso e escuro, fechou os olhos descendo pela sua face branca e azulada, lágrimas viscosas e pretas.

Subiu as escadas que davam para o quarto e se deitou erecto na sua cama de lençóis e fronhas bordô. Dormia... Ainda em seus braços e pulsos, os cortes que havia feito se destacavam cheios de sangue.

No dia seguinte o prefeito da cidade achou mais uma vez, muitas pessoas feridas nas pernas, braços, pés e mãos, mas não conseguiu identificar novamente a causa dos ferimentos.

Levantam, o jovem que adormecera em sua cama na noite anterior, fazia sempre o mesmo ritual. Sua sombra, saída de suas entranhas, voava pelas noites e abraçava docemente e ferina, homens e mulheres daquela região. Era assim que saciava a sede que sentia do amor.

Fartura

Álvaro domingos

krolldomingues@gmail.com

Diante desta mesa farta, fico pensando em meus antigos desejos. Sei que hoje posso comer tudo isso e não engordarei uma grama sequer. Será que ainda tenho prazer em comer algo? Provo um doce. Ainda tem gosto bom. Sorrio ao pensar. Meu desejo hoje é outro. Lembro-me de meu sofrimento. O rígido controle de peso para manter-me em forma. E contradição das contradições, estar sempre presente em banquetes. Alguns em minha homenagem. A Estrela de primeira grandeza! Foi por isso que não relutei diante de sua promessa. Um metabolismo alterado. E a vida eterna. Sei que não engordarei bebendo sangue...



DRACULEA

o livro secreto dos vampiros

www.cranik.com/draculea.html

Lançamento:

22 de agosto de 2009

a partir das 18h00

Local: Bardo Batata

Rua Bela Cintra, 1333

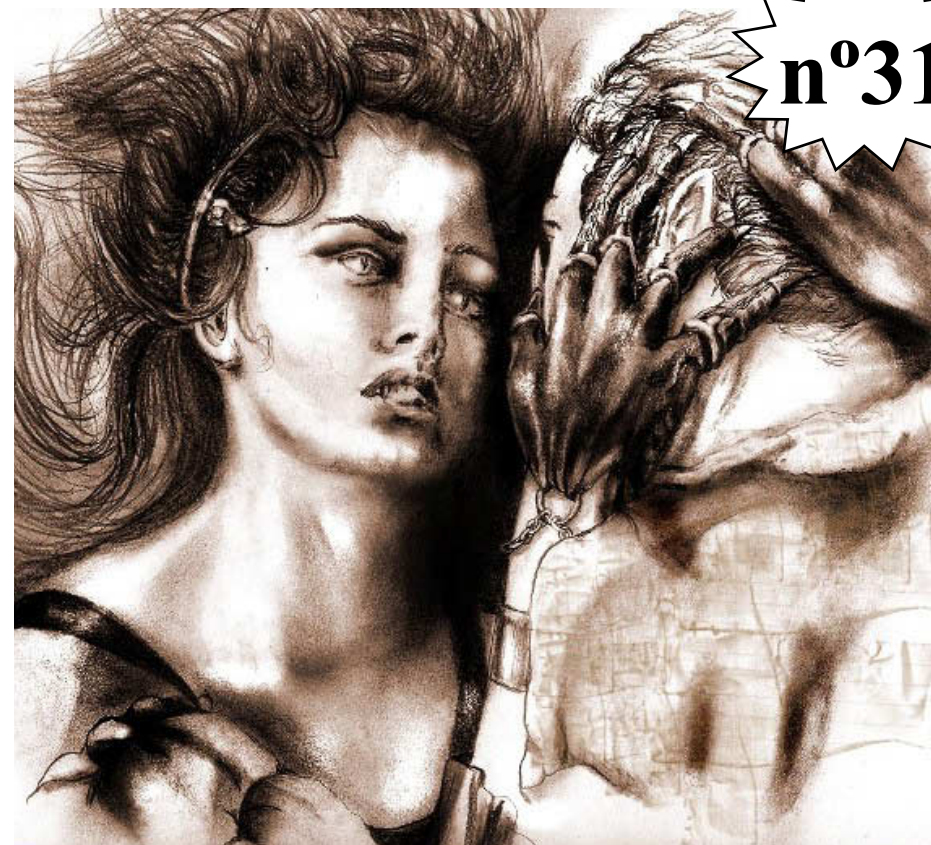
Jardins - SP/SP



Se você escreve contos de vampiros ou poemas e quer colocar neste fanzine envie uma mensagem para siqueira.adriano@gmail.com com o assunto "contos para o Fanzine Adorável Noite" para avaliação e provável inclusão. Peço a gentileza de enviarem contos pequenos para ter mais participações.
abraços
Adriano Siqueira

ADORÁVEL NOITE

Leia mais no blog - www.contosdevampiroseterror.blogspot.com



nº31

ARTE: Luciana Waack - <http://www.luberdarte.blogspot.com/>

Contos de Vampiros e Terror

www.adoravelnoite.blogspot.com

PRODUÇÃO E COLABORAÇÃO

CRIAÇÃO, ADRIANO SIQUEIRA - SIQUEIRA.ADRIANO@GMAIL.COM

NOVO SITE DE CONTOS DE VAMPIROS

www.contosdevampiroseterror.blogspot.com

www.adoravelnoite.blogspot.com

Grupo de Vampiros da internet:

<http://br.groups.yahoo.com/group/adoravelnoite/>

<http://br.groups.yahoo.com/group/tintarubra/>

<http://br.groups.yahoo.com/group/vampirevich/>



POR QUÊ?

por Shirlei Massapust
kunzite@globo.com

Não tenha medo...

por Adriano Siqueira
siqueira.adriano@gmail.com

Nunca mais vou pensar que um dia irei partir
Com você, para sempre.
Por que mentir?
Por que me fazer chorar,
Se você quer aterrorizar
Os caminhos do amor?
Por que, por que,
Toda essa encenação,
Conquistar meu coração,
Se não era o que queria?
Por que, por que,
Se eu já tenho a resposta,
se estou sempre nessa cena
só que de lados opostos.
Por que, por que...
Sonho com você?
Por que, por que,
Sonho...?

Um dia, um morcego tentou atravessar uma
cerca de arame enfarpado. Ele rasgou as asas.
A dor foi tão forte que ele nunca mais chegou
perto da cerca.
Com o tempo ele descobriu que só atravessando
a cerca iria para outro lugar com mais chance de
sobreviver, mas o medo devorava a sua mente e
isso o deixava cada vez mais afastado. ´
Até que uma noite um vendaval arrastou o
morcego para o outro lado da cerca e ele
finalmente viu o que havia do outro lado...
Tinha muita comida e muitos morcegos amigos,
mas o morcego não aguentou e morreu.
Ele já estava muito velho e viveu a vida toda
com medo de atravessar uma cerca só porque
se machucou na primeira vez.

Enfrente seu medo.



Compre o livro *Amor Vampiro!!!*
www.gizeditorial.com.br



Compre o livro
Draculea - o livro secreto dos vampiros
www.cranik.com/draculea.html

Leonard C'ward

Criado por: Francis Davis
francis_vampire@hotmail.com



Place des Vosges – Paris 1855

Era noite agora e eu caminhava lentamente sem me importar,
apesar da hora. O clima estava frio, dei graças por ter trazido meu
manto que me mantinha aquecido.

Eu era jovem, e ainda não alcançara a maioridade. Isso era fácil
de notar devido aos traços de meu rosto jovem. Lembro que minha
mãe afagava meus cabelos negros bagunçados e cantava uma bela
canção e nela meus olhos castanho-escuros eram retratados.

Eu pensava em tudo aquilo e como minha vida era até ali, cheia
de coisas boas e ternuras que sem que eu soubesse acabariam ali sem que me despedisse. E então
uma voz chamou minha atenção.

- Leonard C'ward? – perguntou a voz.

Me virei para constatar de onde vinha aquela voz e foi nesse exato momento em que escutei o estouro,
em seguida vi a fumaça e logo senti a dor queimar meu peito. Quem quer que fosse era covarde o
suficiente para ficar escondido na escuridão mórbida daqueles becos.

Tentei me equilibrar, mas não consegui e logo cai no chão frio. Toda a minha vida passava diante
de meus olhos como o último vislumbre.

Saindo da escuridão surgiu uma criatura pálida que parou a minha frente e me olhava. Seu
rosto pálido se aproximou do lugar onde meu coração batia fraco e seus olhos me fitaram por
instantes.

Então ele falou:

- Leonard C'ward. Tu serás meu legado.

Suas palavras foram suaves assim como sussurros.

Sua mão tocou minha nuca e ela era fria, ainda mais fria do que aquela noite. Com ternura
afagou meus cabelos assim como minha mãe fazia, então ele ergueu sua manga direita do manto
e mordeu seu próprio pulso fazendo com que o sangue jorrasse parecendo tão vermelho quanto
qualquer outro.

Logo ele levou seu pulso até meus lábios e disse:

- Beba Leonard! Este será o seu banquete por toda a eternidade.

Gostas caíram em minha boca, e aquilo era a única coisa que pude sentir. O doce, o queimar
e a sede. Então sem pensar no que aconteceria, eu bebi. As dores foram fortes enquanto me
fartava. Contorcendo-me, eu não entendia o porquê, mas sabia que algo em mim morria para
que eu me tornasse imortal.

Abri os olhos ainda com medo, sem saber onde eu realmente estava. Tudo ao meu redor estava
com um colorido diferente. Os sons haviam ficado mais claros enquanto todos os meus outros
sentidos também mudavam.

À bala em meu corpo foi expulsa assim como um verme que é cuspidos pela terra que o rejeita. E lá
estava ele, aquele que me trouxe de volta ao mundo que eu tanto amava.

- Bem vindo à imortalidade, Leonard! – disse o vampiro com um sorriso nos lábios mortos.

ADORÁVEL NOITE

policiais desaparecidos corre em disparada até o alojamento por um momento este policial quase leva um tiro sendo confundido com os supostos vampiros.

- Vocês dois não vão acreditar. Falando quase sem respirar com o rosto de assustado. Eu vi o autor das mortes!

- Quem? Pergunta Mario

- Olha ta certo que os outros desapareceram, mas foram mortos por vampiros.

- Ah faça-me o favor. Não me vem com esta historia. Dispara o outro policial.

No meio da discussão. Mario decide ir atrás do senhor vampiro amador e pega-lo como se pega um vampiro nas lendas.

Um detalhe que o leitor não deve ter notado: E o nosso amigo Arlequim?

Ora, eu falarei dele, como não podia deixar de passar. Arlequim estava andando pelas ruas de São Paulo. Descendo a Rua da Consolação, passa em frente do cemitério e percebe algo estranho ocorrendo do lado de dentro.

Os três bravos heróis com armas nas mãos e estacas improvisadas de madeira feita com restos de cerca seguem sua missão.

No caminho encontram uma jovem sentada na parede chorando. Um dos policiais se aproxima e logo ela levanta a cabeça e o abraça de felicidade.

Na alegria Mario e o outro policial chamado Silva se deparam com a moça se transformando numa vampira e atacando cruelmente o policial sugando-lhe o sangue pelo pescoço é claro.

Ao terminar de chupar o sangue, a vampira se virá e rapidamente Mario enfia uma das estacas no coração da criatura e logo sai em disparada com Silva gritando. De costas com uma parede o policial Silva é surpreendido por outro vampiro que o agarra pelo alto de ponta cabeça.

Mario sai correndo sem poder reagir contra o vampiro e é cercado por um corredor sem saída. Encurrallado, Mario com uma estaca na mão e na outra mão inutilmente uma arma de fogo.

A jovem que foi a primeira encontrada pelo caminho era a mesma que estava com mãe durante aquela tarde coberta de ares sombrios. Naquele momento sua mãe estava se torturando por causa da maldição que antes de os policiais aparecerem foi morta pela própria filha quando pegou uma faca para decapitar a filha antes do início da noite.

Arlequim sobe o muro com o auxílio de uma escada improvisada e vê vários corpos esquartejados, aparentemente provocados pelos vampiros para talvez não deixar suas vítimas se transformarem em criaturas noturnas.

Cercado, Mario se vê frente a frente com a morte. Quando os dois seres se aproximando mais próximo possível. Arlequim aparece se jogando por cima dos vampiros e rapidamente toma da mão de Mario uma das estacas e feri um e o outro se revida lutando contra Arlequim.

Sentindo o corpo frio na mesma temperatura que a da criatura, o vampiro morde Arlequim, mas sem sentir o sangue se levanta assustado.

-Há, acha que sou humano. Fui morto por hipócritas e sou um ser condenado a vagar pela eternidade na Terra, mas não sou como você. Diz Arlequim.

Ao se levantar o vampiro ferozmente avança sobre Arlequim.

- Não tem problema morrerá de qualquer jeito. Diz o vampiro.

- Meus lamentos, eu sou eterno!

Sem se lembrar da presença de Mario a criatura é apanhada de surpresa por uma estaca de madeira encravada pelas costas, imposta por Mario.

Arlequim se levanta e conversa com Mario sobre o que tinha acontecido.

A noite passa. E o que aconteceu com Roger?

Bem com os corpos dos vampiros o sol do amanhece se encarregará disso. E o desaparecimento de Roger ficará como desconhecido.

Mario e Arlequim não acham todos os corpos das vítimas, portanto há uma duvida.

Eles estão chegando?

*Arlequim Noctâmbulo
Barueri, janeiro de 08.*

ADORÁVEL NOITE

O ANJO DA MORTE

Por Luciana Waack - email: lucianawaack@gmail.com



Pálida, a figura a cavalo se resalta na paisagem agreste da pequena cidade nordestina. Chamava atenção, fazia as pessoas tremerem com a visão quase mística se aproximar da igreja na praça central, empoeirada ao vento seco sob aquele sol de meio dia.

Havia poucos, mas o suficiente para chegar ao conhecimento de todos.

Um andaluz negro marchava calmo na rua principal, o cavaleiro anônimo detinha uma expressão impassível

carregava um suspense e trazia ventos de medo, porque atrás de si arrastava uma turbulência no céu que escureceu o dia.

As pessoas da cidade que se aglomeravam pelos arredores, curiosos, ao perceberem a mudança repentina no tempo correram para suas casas, sendo que, apenas um homem permaneceu escondido, observando, intrigado, pois ele fazia parte de um grupo de bandoleiros. Naquela época, década de 20, fervilhava o cangaço na região.

O cavaleiro esperava a natureza concluir sua manifestação, de roupas negras, parado em frente à igreja. Virou seu olhar para a torre central, onde um crucifixo grande de ferro destacava contra o céu turbulento, enquanto a chuva desabava pesada e morna pelo clima anterior. Apeou e preparou-se, como se arrumasse para uma ocasião especial tirou seu chapéu que revelou longos cabelos de mulher, o homem que se achava despercebido aproximou-se mais para ver ainda de mais perto.

Embainhou uma arma na cintura, outra nas costas, calçou estranhas luvas que possuíam garras prateadas sobressaltando das pontas dos dedos, ponteiras. Tal cena causou em seu observador certo calor interior que culminava em tontura como uma intoxicação. Aquele ser encaminhou-se para a porta do templo e o abriu, adentrando devagar, no interior o padre, preocupado e em pânico implorava para que não profanasse o santuário. Ignorando as súplicas permanencia impassível olhando fixo para o altar, caminhou olhando em seguida com uma expressão tensa para a cruz, mas não para ela, mas uma inscrição em aramaico escrita na arcada sobre ela, eram palavras de evocação da presença das verdadeiras forças, (em alguns períodos do início do cristianismo, muitas igrejas góticas eram construídas assim, com símbolos e recursos ocultos para que aqueles povos nativos pudessem manter suas tradições livres da perseguição, algumas igrejas coloniais foram construídas ainda preservando esses costumes) em silêncio e frente ao altar desembainha sua arma, depositando-a sobre ela. Logo atrás, no exterior a tormenta castigava a cidade, onde adentrava mais um expectador para aquela cerimônia estranha e sem natureza definida. Em seguida foi a vez da espada a qual ergueu em direção ao alto e assim, quebrando seu silêncio disse: “ Este instrumento de destruição, a serviço de sua verdadeira face, a face dúbia e não revelada restaura o equilíbrio entre os elementos”. Surgiam em sua lâmina reluzente à luz fraca das velas inscrições sendo forjadas enquanto desaparecia o contorno de sua pupila dos olhos tomando lugar uma cor estranha, atrás de seu corpo duas sombras negras como se fossem duas asas apareciam aos

ADORÁVEL NOITE

olhos do padre que murmurava, abaixando a cabeça.

O vento adentra no prédio e apaga todas as velas deixando a todos no interior à mercê dos clarões eventuais do temporal. Dentro da escuridão a mulher recolhe suas armas, vira-se e põe-se à retirada, indo para o exterior do prédio onde ainda desabava a chuva. Antes de sair, ainda às portas, vira seu olhar para o rosto do homem encurralado, tira a espada erguendo-a para atingi-lo. Dentro do barulho e dos clarões furtivos vindos lá de fora, o homem levanta devagar, numa demonstração de coragem, empunhando um facão. Num só golpe ela quebra a peixeira e se posiciona para executá-lo, quando pára, vira-se sutilmente como se alguém lhe sussurrasse aos ouvidos, volta, aproximando sua mão do rosto dele e, com a ponta da garra de sua luva fere a testa dele com um pequeno risco a sangrar imediatamente. Nesse momento, os seus olhos voltam a ter aparência humana e sua expressão se ameniza.

No outro canto da igreja o padre assistia a tudo, parecia compreender, pois diante de tanta desgraça naquela terra, somente uma intervenção sobrenatural para aquietar os ânimos, pensou, se a partir daquele dia tudo mudaria.

A figura misteriosa se retira, ao sair, as portas da igreja se fecham e ela desaparece, o som da chuva se acalma.

O padre se aproxima do homem que permanecia ao chão, em choque, observando o vazio, com seu rosto ensangüentado. Ele o ajuda a levantar-se e o recosta num dos bancos, puxando um pano para limpar o ferimento e perguntando o nome, repetidas vezes ao homem e ele responde: “Gabriel”, o padre suspira, dizendo apenas que o “anjo da morte” não o escolheu porque não era hora dele ir, o homem exclama: “Ela quebrou meu facão! Eu vi seus olhos”. Enquanto o padre limpa o ferimento murmura: “Meu Deus, que planos terá para nós?”.

Eles estão chegando

Por Arlequim Noctâmbulo

Barueri, janeiro de 08.

contato: arlequim.noctambulo@hotmail.com

Mario trabalhava de segurança na cidade de São Paulo. Quando recebeu a notícia de prestar serviço para um cemitério conhecido do Estado. No dia em que foi se apresentar ao novo local se deparou com o lugar sinistro onde terá de trabalhar no período noturno. O cemitério da Consolação.

-Por um lado. Disse ele ao companheiro de turno. Eu nunca ouvi falar de problemas neste local e muito menos a respeito de fantasmas.

- Ah, você acredita em fantasmas? Debochou Roger.

-Oras, aqui não vai acontecer nada de mais, o cemitério tem os muros altos de mais e cercas com arame farpado.

Bem, isso não diz nada a respeito que não vai acontecer nada, isso até o longo desta história.

Mario pegava das 18h30min até às 07h00min da manhã do dia seguinte juntamente com Roger. Para a alegria de Mario, o alojamento da guarda ficava debaixo da entrada única do cemitério, portanto não era obrigado a circular no território.

Numa quinta-feira, Cleber, o segurança que ficava no período diurno ao fazer uma vistoria pelo local, avistou duas mulheres sentadas cabisbaixas. Isso era 17h da tarde faltando uma hora para o fechamento do cemitério.

Ao se aproximar via a senhora sentada com uma mulher no colo aparentemente sua filha aos prantos, de longe se percebia o semblante de sofrimento de um ser humano, a filha no colo ficava se afligindo parada sem



ADORÁVEL NOITE

sair do lugar, algo como se a segurasse.

Os olhos da mãe transbordavam de lágrimas, ela não mexia nenhuma parte do corpo. Cleber julgou ser as duas familiares de algum dos sepultados e nem foi ver o que era e logo voltou ao seu trabalho. Alias, quando dava 10 minutos antes das 18h, Cleber dava uma ultima volta para verificar se havia mais alguém.

Um dos coveiros disse que viu uma velha senhora saindo parecendo estar acompanhada. Logo Cleber julgou ser as duas mulheres sozinhas num dos túmulos.

Engano e feio, as duas mulheres ainda continuavam dentro do cemitério. E ao cair da noite Mario começa seu turno e logo que o brilho da lua aparece a jovem começa a chorar como se houvesse algum espírito tentando possuir seu corpo. A mãe cheia de aflições por um momento deixa cair algumas gotas de sangue, mostrando o motivo de elas estarem ali era muito grave e até então nós não sabemos o motivo disso. Só saiba caro leitor que aquela noite prometia não ser de silêncio absoluto.

Logo que a noite já aparece a pobre senhora para de clamar e pega um lenço e começa a secar o rosto da filha e do nada as duas somem.

Enquanto isso Mario em frente ao portão principal, nota que á pichações e ruídos do lado de dentro e imagina ser simplesmente vândalos noturnos.

Roger decide pegar uma lanterna e dar uma volta ao redor do cemitério por curiosidade de nunca ter andado por ali à noite.

Mario de longe ainda vendo a luz da lanterna de Roger, num piscar de olhos vê a luz se apagar e um grito ao mesmo instante.

Rapidamente pega a arma e um porrete e sai correndo em direção ao local onde Roger tinha sumido. Num breve pensamento Mario se amedrontou, pois achou que se tratava de uma brincadeira. O grito dado por Roger era de quem foi atacado de surpresa e devorado, isso aos olhos de Mario eram absurdos e mesmo assim foi lá com a arma e carregadores de reserva prontos pro que der e vier.

Chegando lá encontrou sangue jogado ao chão alem de lanterna e arma jogadas ao chão.

Imediatamente Mario saiu correndo para o alojamento usando o radio para se comunicar com Roger, nada e absolutamente nada de retorno.

Ao fazer um olhar pelo terreno viu vultos se moverem rapidamente entre os túmulos e mausoléus.

Ligou para a guarda municipal e incrivelmente uma viatura chegou o mais rápido possível. Eram três policiais todos armados e fizeram uma varredura externa pela região e notaram um grupo de cinco homens parecendo estarem com drogas, ao longe um deles viu a viatura e todos se espalharam.

Uma segunda viatura aparece para dar apoio e decidem entrar no cemitério, prontos pra atirarem com o que vier pela frente.

Um policial chegando próximo do túmulo da família Matarazzo desaparece o outro que vinha atrás também desaparece, sobraram cinco homens incluindo Mario. Próximo de um mausoléu famoso do cemitério dois policiais avistam um dos companheiros deitado ao chão com a aparência de ter sido sugado por dentro, marcas de mordidas no pescoço e nos braços demonstraram que não havia sangue. Logo os dois policiais tentaram chamar reforço supondo que isso foi causado por maníacos que estão dando uma de vampiros.

Mario encontra os dois únicos policiais que ainda estavam vivos e logo voltaram ao alojamento para chamar reforços redobrados. Os telefones não funcionam e nem os rádios captam uma viatura próximo do cemitério. O temor agrava os três que logo se vêem num dilema.

- Bem isso é um absurdo, mas vampiros não existem e temos que vigiar todo ao redor do cemitério para cercar este assassino.

- Ou talvez mais de um. Deduziu o outro policial.

Na calçada do lado de fora, uma mulher é assaltada e um dos policiais corre atrás do ladrão que tenta se esconder numa barraca de flores em frente ao cemitério. Lá dentro, o ladrão houve um ruído atrás de si e logo é surpreendido por algo estranho.

O policial houve o barulho e apontando em direção á barraca houve uma voz de lá dentro.

- Venha você também para nosso lado.

O policial começa a atirar e percebe gotas de sangue escorrendo, mas a possa de sangue parece ser sugado para dentro. Ao virar para trás o policial vê duas pessoas desconhecidas dentro do cemitério sem poderem ser identificadas. Achando ser elas autores dos assassinatos sorrateiramente vão atrás quando é surpreendido por um terceiro ser desconhecido. Sobraram dois e quase decididos a enfrentarem os amadores de vampiros. Bem o leitor verá pela frente o engano desses homens.

Pedaços de ponta de cerca de madeira estavam jogadas num canto do alojamento. No meio do escuro um dos